



FNLIJ

Seção Brasileira do International Board on Books for Young People **IBBY**

DESDE 1968

Notícias 4

Abril 2013 | www.fnlij.org.br

Abril: mês do livro infantil e juvenil

Em abril o grande homenageado é o livro. Começamos no segundo dia do mês, comemorando o Dia Internacional do Livro Infantil – DILI – data natalícia do escritor dinamarquês, Hans Christian Andersen, patrono da literatura infantil e juvenil em todo o mundo. Autor de clássicos como *O patinho feio* (1844), publicou 156 histórias originais. Suas obras foram traduzidas para mais de 145 línguas e estão entre as mais lidas no mundo da literatura. Em 1956, o principal prêmio internacional de LIJ, outorgado pelo *International Board on Books for Young People* – IBBY – comparado ao Prêmio Nobel de Literatura, recebeu o seu nome.

O Dia Nacional do Livro Infantil é comemorado no dia 18 de abril, data de nascimento de Monteiro Lobato, pai da LIJ brasileira. A ideia de homenagear o livro nacional para as crianças e jovens nesse dia começou na FNLIJ e não aconteceu por acaso.

Resgatando o início dessa história, contada por Laura Sandroni ao *Notícias*, em abril de 2002, a escolha do dia surgiu graças à analogia de que o dia 02 de abril – data de nascimento de Hans Christian Andersen – comemorava-se o Dia Internacional do Livro Infantil, nada mais justo do que comemorar o Dia Nacional do Livro Infantil na data em que nasceu Monteiro Lobato. É o que nos conta uma das fundadoras da FNLIJ e diretora da instituição no início dos anos 70.

A data começou a ser divulgada em outras edições do *Notícias*, esco-

las, bibliotecas, editoras e instituições ligadas à educação, que passaram a homenagear Monteiro Lobato e os livros de literatura brasileira para crianças e jovens no dia 18 de abril.

Em 2000, Elizabeth Serra foi procurada pelo advogado representante dos herdeiros de Monteiro Lobato, pedindo à FNLIJ que elaborasse um documento explicando as razões para que a data fosse inserida oficialmente, no calendário nacional. A proposta, baseada no documento da FNLIJ, foi encaminhada à Comissão de Constituição, Justiça e Redação, transformando-se no Projeto nº 3648/00, aprovada por lei, no dia 08 de janeiro de 2002, oficializando o Dia Nacional do Livro Infantil. O documento elaborado pela FNLIJ se encontra no *Notícias* de abril de 2002.

Depois de 11 anos dessa importante conquista para a LIJ brasileira, o nome de Monteiro Lobato volta ao cenário literário, só que desta vez, lutando contra a tentativa de censura do livro *Caçadas de Pedrinho*, de sua autoria, nas salas de aula. No *Notícias* de dezembro de 2012, há uma matéria sobre o assunto, além do Suplemento *Reflexões sobre leitura infantil e juvenil*, com duas entrevistas de especialistas em LIJ, João Ceccantini e Marisa Lajolo, e uma carta aberta enviada ao Ministério da Educação, escrita pela professora Milena Ribeiro Martins. O *Notícias* se encontra disponível no site da FNLIJ: www.fnlij.org.br

Para comemorar o dia 18 de abril foi solicitado à Laura Sandroni um texto sobre o autor:

Lobato

Passados mais de sessenta anos de sua morte e Monteiro Lobato continua a ser o mais importante autor brasileiro de literatura para crianças e jovens. Sua obra abrange mais de 20 títulos com os personagens do *Sítio do Picapau Amarelo* e inclui inúmeras traduções do melhor da literatura internacional para esse público, a exemplo da primeira adaptação de *As aventuras de Hans Staden*, em 1927 ou *Peter Pan*, em 1930, além de *Alice no País das Maravilhas* e os *Contos de Grimm* entre muitos outros.

Sua obra significou um salto qualitativo, se comparada com a dos autores precedentes, pela imaginação fértil, permeada de ideias e debates sobre temas contemporâneos do Brasil do seu tempo, mas ainda atualíssimos. A narrativa lobatiana prende as crianças, adolescentes e jovens (e o adulto também) com a combinação de fantasia e realidade, de modo a inserir o leitor em um território fantástico, mas integrado no concreto de suas vidas. E para ser compreendido por todos se expressa em linguagem original e criativa, na qual sobressai a busca do coloquial brasileiro antecipatória do modernismo.

Sem ter ideia do alcance de sua obra, válida para todas as faixas etárias, mas à época desiludido com os adultos, Lobato acreditava que só as crianças poderiam modificar as injustiças sociais do mundo e para tanto, torna-as suas interlocutoras privilegiadas. Neste sentido aborda temas sérios e complexos até

então considerados impróprios para a infância: guerras, política, ciência e petróleo. Temas apresentados de maneira simples e clara, mas envoltos em tramas criativas, plenas de peripécias e adequadas à compreensão do pequeno leitor.

Apesar de suas incontestáveis qualidades Lobato teve há pouco um de seus maiores sucessos ameaçado de censura por um órgão que assessora as políticas públicas de educação (CNE). Trata-se de *Caçadas de Pedrinho*, publicado em 1933 e agora denunciado como racista e preconceituoso pela forma como trata Tia Nastácia, um dos mais importantes personagens criados pelo autor. Presente na maioria dos títulos de Lobato ela representa o povo, pleno da sabedoria intuitiva e experimentada da tradição. No dizer da Emília, ela é “a ignorância em pessoa. Isto é ignorante propriamente não. Ciência e mais coisas dos livros, isso ela ignora completamente. Mas nas coisas práticas da vida é uma verdadeira sábia.”

Nastácia supre o sítio de todas as necessidades materiais e ainda encontra tempo para dar vida a alguns dos seus principais personagens: Emília, Visconde e João Faz-de-conta saíram de suas mãos. Participa também de várias aventuras embora em alguns casos à revelia, como em *Viagem ao céu* onde apesar do medo do dragão torna-se grande amiga de São Jorge. E no *Minotouro* é quem acalma o monstro preparando-lhe seus famosos bolinhos.

O fato de em *Caçadas de Pedrinho* e em outras obras do autor aparecer termos e situações hoje considerados por alguns em desacordo com o politicamente correto não retira Tia Nastácia do seu lugar de destaque no *Sítio*. Querida por todos, ela é a expressão da cultura popular e por assim considerar, Lobato dedicou a ela um título de sua obra: *Histórias de Tia Nastácia*.

Sua presença no ambiente e nas histórias do *Sítio* representa um personagem típico da propriedade rural brasileira à época do Brasil de

Lobato, tão próxima do regime escravagista. Sem ela o *Sítio* perderia um elemento fundamental da ficção, isto é, dar um toque de verossimilhança às histórias plenas de fantasia e imaginação. Em artigo publicado na revista *Veja*, Jerônimo Teixeira lembra, que ao descrever Tia Nastácia “não há no texto nenhum traço de ódio racial nem a sugestão de que qualquer outra etnia seja inferior.”

José Guilherme Merquior em *O Elixir do Apocalipse* traça interessante paralelo entre Lobato e Euclides da Cunha. Diz ele: “Assim como Euclides caminhou (sem abandono explícito de certas premissas racistas) do desprezo ao jagunço para o respeito épico *d’Os Sertões*, Lobato evoluiu do anti-ufanismo determinista de “Uma velha Praga” – o celebre artigo em que criou a figura do Jeca-Tatu (1914) – para o reconhecimento de que a jequice era um problema de subdesenvolvimento e não um decreto do nosso destino étnico”. No belo conto “*Negrinha*” Lobato revela a medida do horror que tinha à escravidão.

É interessante comparar o problema de censura agora criado por *Caçadas de Pedrinho* com o clássico da literatura americana *Huckleberry Finn*, de Mark Twain banido de muitas escolas revisionistas americanas, incapazes de entender a obra literária no contexto histórico em que foi escrita, sob a acusação de racismo, porque na história, passada no século XIX, os negros são chamados pelos personagens brancos de *Twain* de *nigger*, palavra bem mais tarde considerada ofensiva para designar os afro-descendentes, nos EUA.

É bom lembrar também que a primeira parte de *Caçadas de Pedrinho* foi publicada em 1924 sob o título *A caçada da onça* e relançado com o novo título em 1933. Na nova versão apareceu no *Sítio* o rinoceronte Quindim, inicialmente considerado animal perigosíssimo e mais tarde domado por Emília. A tentativa de sua captura por agentes do governo enseja uma sátira demolidora à burocracia governamental, um dos alvos

prediletos de Lobato, praga vinda dos tempos coloniais e até hoje um dos entraves ao desenvolvimento do país. Residiria nessa crítica mais uma das causas da censura ao livro?

Em carta ao ministro da Educação Fernando Haddad, a diretoria da FNLIJ declarou “o nosso espanto e repúdio ao Parecer do CNE sobre a obra de Lobato, que não se restringe somente a ela, mas ao ato gravíssimo de censura que a sua homologação representará para a formação de leitores críticos e livres, base para uma sociedade solidária e mais justa.”

Vladimir Sacchetta autor com Márcia Camargos da biografia *Monteiro Lobato, furacão na Botocúndia*, diz que “a leitura feita pelo CNE de *Caçadas de Pedrinho* é estreita e preconceituosa. A parecerista está lendo o texto de Lobato com olhos politicamente corretos de 2010. Ela defende que expressões da Emília não são politicamente corretas hoje.”

Já Nívea Trindade Lima, pesquisadora da Fiocruz nos diz:

“Em seu conjunto, o legado do autor do *Sítio do Picapau Amarelo* não se caracterizou pelo racismo, mas pela defesa de um país que poderia dar certo se fizesse as escolhas de natureza democrática, ao se distanciar do tom moralizador, expondo contradições de uma sociedade ainda hoje atravessada por preconceitos. Se a literatura infantil de Lobato traz alguma lição esta se encontra, sobretudo, na irreverência da Emília.”

Termino com a opinião consagrada de José Guilherme Merquior no livro já citado: “O autor-editor cuja estupenda propedêutica iluminista para a juventude ainda era estigmatizada pelos nossos bem pensantes, em 1958 (!) de comunismo para crianças deixou um consistente exemplo de literatura livre a serviço da sociedade. Essa foi a maior reinação do neto do Visconde de Tremembé no pacato sítio parnasiano e ‘futurista’, de nossas letras do entre guerras. Exemplo digno de ser seguido, tanto ou mais do que qualquer (como diria ele) ‘ismo’ de vanguarda.”

Escola de Leitores – Instituto C&A

2º Intercâmbio entre Brasil e Colômbia



Grupo de brasileiros e a equipe colombiana que participou do intercâmbio

O intercâmbio cultural entre professores brasileiros e colombianos, promovido pelo Instituto C&A, como viagem-prêmio aos representantes das 24 escolas vencedoras do 2º Concurso Escola de Leitores Para as Redes Municipais de Educação das cidades de Natal (RN), Porto Alegre (RS), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP), possibilitou a mais um grupo de docentes brasileiros conhecer de perto um país que se sobressai na América do Sul por seu sistema de bibliotecas. Bogotá é a primeira cidade latino-americana a receber da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – Unesco - o título de Capital Mundial do Livro, em 2007.

A viagem-prêmio realizou-se nos dias 09 a 16 de setembro de 2012 nas cidades de Medellín e Bogotá, nas quais os brasileiros tiveram a oportunidade de visitar 12 bibliotecas e escolas públicas e privadas, localizadas em áreas centrais e periféricas. Essa foi a segunda vez que ocorreu o intercâmbio cultural entre os dois países. O Concurso Escola de Leitores faz parte do programa *Prazer em Ler* do Instituto C&A – IC&A.

Nas duas edições, o IC&A convidou a FNLIJ para ser parceira na realização do intercâmbio, confirmando a

indicação da Fundação para a assessoria da colombiana Silvia Castrillón, bibliotecária e especialista em literatura infantil e juvenil, com experiência em políticas públicas, para partilhar a organização na Colômbia.

Esse intercâmbio começou por Medellín, berço das principais políticas de bibliotecas públicas da Colômbia, seguindo depois para Bogotá, possibilitando aos brasileiros conhecerem de perto os projetos de sucesso desenvolvidos na Colômbia.

De acordo com a Gerente da área Educação, Arte e Cultura do Instituto C&A, Patrícia Lacerda, “a viagem tem o propósito de oferecer aos representantes das 24 unidades educacionais que venceram o segundo concurso uma oportunidade de formação internacional, a partir de uma vivência de sete dias em um país com trajetória destacada no campo da leitura”.

Além de conhecer de perto o funcionamento das bibliotecas públicas e escolas colombianas, a viagem possibilitou ao grupo participar do seminário organizado pelo professor Didier Álvarez, da Escola Interamericana de Biblioteconomia da Universidade de Antioquia, com a participação do especialista em bibliotecas escolares na Espanha, Kepa Osoro Iturbe e de Silvia Castrillón, no Jardim Botânico

de Medellín, onde acontecia a Festa do Livro e da Cultura.

Formado por professores das cidades de Natal, Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo, o grupo se encontrou pela primeira vez no Rio de Janeiro, durante o 14º Salão FNLIJ para Crianças e Jovens e o intercâmbio de experiências profissionais e culturais estendeu-se por toda a viagem.

A troca era constante, começando já no café da manhã, prosseguindo nos traslados de um local para o outro, nas refeições, fazendo com que o grupo refletisse sobre as visitas feitas com os colegas e planejasse o aprimoramento dos projetos quando retornasse ao Brasil.

Ao final da viagem, a FNLIJ solicitou aos representantes das instituições que formavam o grupo, um relato da experiência e da opinião de cada um sobre a viagem-prêmio à Colômbia. Os relatórios expressaram a satisfação de terem conhecido um país envolvido com a formação de leitores e a implantação de bibliotecas como importante ação comunitária.

Concurso Escola de Leitores

Em 2009 o IC&A criou o Concurso Escola de Leitores como parte

das ações do programa *Prazer em Ler*. A iniciativa visa a fortalecer as comunidades escolares para a consolidação de projetos de promoção da leitura literária e de formação de leitores de literatura em redes municipais de ensino, somado ao projeto de bibliotecas escolares.

O concurso é realizado em parceria com as Secretarias Municipais de Educação das cidades participantes e organizações formadoras que atuam junto às escolas. A segunda edição do Concurso Escola de Leitores agraciou 24 escolas nas cidades de Natal, Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo.

As organizações formadoras que participaram da iniciativa foram o Centro de Estudos - A Cor da Letra (São Paulo), o Cirandar – Centro de Integração de Redes Sociais e Culturas Locais (Porto Alegre), a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ- (RJ) e o Instituto de Desenvolvimento da Educação – IDE- (Natal).

O processo seletivo do 2º Concurso Escola de Leitores começou no ano de 2011 e os projetos de leitura vencedores passaram a desfrutar dos prêmios. Cada unidade vencedora recebe o acompanhamento técnico da organização formadora de sua cidade durante um ano e o valor de até R\$ 12 mil para implementação de seu projeto de leitura. Complementando a premiação, dois docentes de cada escola laureada participaram do intercâmbio Brasil-Colômbia referente à viagem-prêmio do concurso.

Vencedoras do 2º Concurso Escola de Leitores 2011/2012

- Natal (RN): Escola Municipal Jornalista Erivan França (Projeto Vivenciando a Leitura na escola, para a vida); Escola Municipal Professor Amadeu Araújo (Projeto Estação da Leitura); Escola Municipal Santos Reis (Projeto Mergulho Literário); Escola Municipal Celestino Pimentel (Projeto Leitores e Livros em movimento); Escola Municipal Estudante Emanuel Bezerra (Projeto Descobrimos os encantos da leitura).

“Visitar as escolas e bibliotecas da Colômbia me fez pensar que os sonhos são possíveis, e que precisamos construir políticas públicas que assegurem às nossas crianças, uma educação em que a Arte e a Literatura sejam os eixos de sua formação humana e cidadã.” Declaração de Miriam Dantas de Araújo, assessora Pedagógica - SME/Rede Potiguar de Escolas Leitoras/Natal.

- Porto Alegre (RS): Emef Valneri Antunes (Projeto Pipoletas); Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire (Projeto Saboreando os Clássicos); Emef Senador Alberto Pasqualini (Projeto Sarau poético-literário do Pasqualini); Emef Pepita de Leão (Projeto Ler e Gostar é só começar!); Emef José Mariana Beck (Projeto Contar e Encantar – uma viagem pela literatura).

“A viagem à Colômbia foi uma celebração de amor e respeito à literatura. Em cada recanto encontramos carinho, acolhimento e prazer. A leitura, muito além do hábito, passa a ser fonte de desejo e necessidade. De tudo que vi e vivi na Colômbia, ficou a certeza de que nosso país tem um longo caminho a ser percorrido, que precisamos de políticas públicas efetivas de incentivo à leitura, de criação, produção e distribuição do livro, assumindo a formação de leitores como um compromisso institucional: Família, Escola, Governo, Sociedade e como compromisso de todas as áreas. Mas isto, não deve ser motivo de esmorecimento, deve ser motivo de inspiração e de crença que o sonho é possível!” Declaração de Sandra Porto, representante da SME de Porto Alegre.

- Rio de Janeiro (RJ): Ciep Armindo Márcilio Doutel de Andrade (Projeto Voando alto nas asas da leitura); Ciep Oswald de Andrade (Projeto Muito prazer, eu sou leitor); Ginásio Experimental Carioca Rivadávia Corrêa (Projeto Central de leitores); Escola Municipal Maranhão (Projeto Caravana de leitores); Escola Municipal Barão da Taquara (Projeto Leitura em cena); Escola Municipal do Rio Grande do Norte (Projeto Viagem ao

mundo da leitura); Escola Municipal Princesa Isabel (Projeto Quarteirão de leitores).

“A viagem à Colômbia, por intermédio da parceria com o Instituto C&A e a FNLIJ, representou uma rica oportunidade de aprendizado e trocas, cujo principal legado é a convicção de que é possível fazer de cada escola uma Escola de Leitores.” Simone Monteiro, gerência de Mídia-educação da SME/RJ

- São Paulo (SP): CEI Vereador Rubens Granja (Projeto Histórias daqui e dali); APM do CEI Marília de Dirceu (Projeto Despertando Leitores no CEI e na família); Emef Professor Luiz Roberto Mega (Projeto Megaleitores); Emef Dilermando Dias dos Santos (Projeto Amigo Leitor); Emef Jardim Novo Parelheiros I (Projeto Lá vem história); Emef Bernardo O’Higgins (Projeto Leitura na escola – Ponto de encontro); Emef Pedro Gesraldo Schunck (Projeto Bairro de leitores).

Concurso Escola de Leitores – Rio de Janeiro

A edição carioca do Concurso Escola de Leitores integra as ações de incentivo à leitura, desenvolvidas pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro – SME-RJ – por meio do programa *Rio, uma cidade de leitores*, lançado em 2009, pela Prefeitura do Rio e visando fazer da leitura uma prática da comunidade escolar.

Como organização formadora, a FNLIJ executa a coordenação técnica da formação de professores e do acompanhamento dos projetos de leitura das escolas da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro, vencedoras no concurso.

Também coube à FNLIJ, pela segunda vez, a organização do intercâmbio cultural Brasil-Colômbia. A Babel Libros, de Silvia Castrillón, integra o rol das organizações formadoras do referido concurso, na Colômbia, organizando a parte de logística e programação nas cidades de Medellín e Bogotá.

Viagem à Colômbia

O grupo de 65 pessoas era formado por professores, jornalistas e representantes do Instituto C&A, das Secretárias Municipais de Educação das quatro cidades, e das organizações for-

de Medellín, Luz Helena G. Lopez e Maria do Rosário, respectivamente, proferiram sobre os projetos de Medellín. Em seguida, Patrícia Lacerda e Alais Ávila, representando o Instituto C&A, falaram sobre as ações da instituição. Representando a FNLIJ, Eliza-

da Leitura Viva, montado especialmente para a Festa do Livro e da Cultura, com estandes de diversas editoras, exposições e oficinas oferecidas ao público de diferentes faixas etárias.

Ao final do dia, no espaço Planetário de Medellín, houve um bate-papo sobre *Uma literatura sem adjetivos*, com a dupla de escritoras: a argentina e vencedora do prêmio Hans Christian Andersen – HCA/IBBY 2012, María Teresa Andruetto e a escritora colombiana Yolanda Reyes. Ao final, as escritoras autografaram seus livros.

A primeira biblioteca visitada na cidade de Medellín foi a Instituição Educativa Benjamín Herrera. A unidade escolar fica em Trindad, um bairro pobre de Guayabal. O diretor da escola, Oscar Mejía Henao, conta que há 20 anos um aluno entrou na sala da diretoria sendo puxado por uma professora que pediu a expulsão do rapaz por ele se recusar a ler livros “chatos”. O diretor deu a ele a missão de fazer uma pesquisa de campo para saber por que os jovens não queriam ler. O trabalho revolucionou a escola e aumentou o interesse pela leitura, resultando na construção de um prédio para outra biblioteca. O episódio, contado pelo diretor Henao, ilustra a dificuldade dos professores naquela época de estimular a leitura e como ela pode ser superada. Henao já esteve três vezes no Brasil para falar da pesquisa por que alguns alunos não gostam de ler.

Na mesma Guayabal, o grupo visitou a Biblioteca Parque Manuel Mejía. Nos relatórios apresentados à FNLIJ pelos representantes das escolas vencedoras



Silvia Castrillón, e ao fundo as escritoras María Teresa Andruetto e Yolanda Reyes

madoras. A delegação brasileira partiu rumo à Colômbia no dia 09 de setembro de 2012, sendo recepcionada por Silvia Castrillón e equipe ao chegar à cidade de Medellín. À noite, houve a primeira confraternização, quando foram feitas as apresentações entre brasileiros e a equipe colombiana que acompanharia o grupo no período do intercâmbio.

Medellín

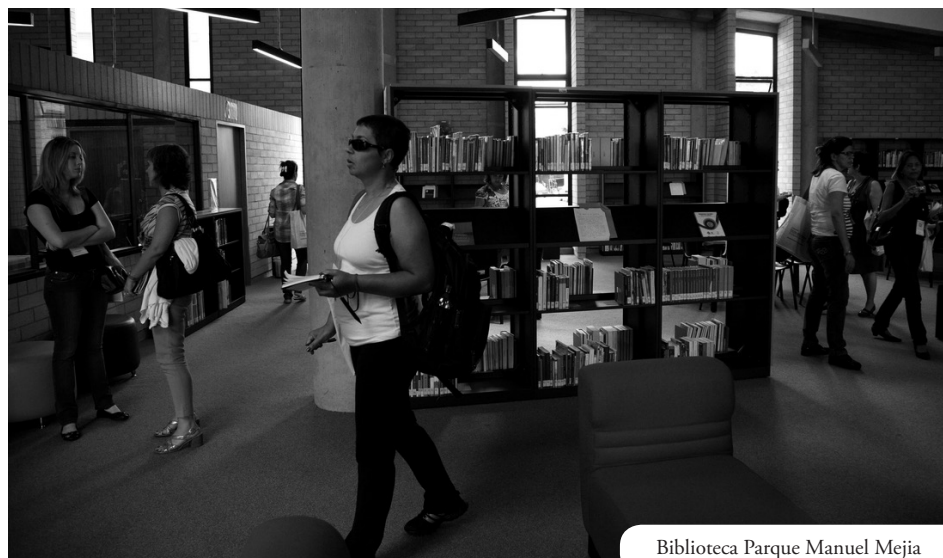
Em Medellín, capital de Antioquia, foram visitadas dez bibliotecas, entre públicas e escolares, nos dias 10 a 13 de setembro, além do Museu de Antioquia, no qual viram as obras do artista Botero expostas na praça em frente ao local e lá dentro trabalhos de vários artistas plásticos, entre eles Oscar Munóz.

No dia 12, o grupo compareceu à Festa do Livro e da Cultura no Jardim Botânico da cidade, quando participou do Seminário organizado pelo professor Didier Álvarez Zapata, da Universidade de Antioquia, no qual as secretárias de Educação e Cultura

beth Serra apresentou palestra sobre o tema *Biblioteca da Escola: ainda um desafio brasileiro*.

Após as apresentações, Zapata palestrou sobre a escola e a cultura colombiana que tem a biblioteca e a leitura como elementos formadores (Leia o texto no final da matéria). O professor e especialista em bibliotecas na Espanha, Kepa Osoro Iturbe e Silvia Castrillón formaram a mesa-redonda que debateu com o público sobre a importância da leitura literária.

À tarde o grupo passou pelo Jardim



Biblioteca Parque Manuel Mejía



Biblioteca Parque Belém

do Rio de Janeiro, a falta de muros de proteção no local chamou atenção dos professores. O espaço oferece uma programação variada, atendendo cerca de 80 mil pessoas da comunidade local e dos arredores, especialmente crianças e jovens dos 06 aos 14 anos.

Em La Glória, Belém, a Biblioteca Parque Belém é uma bela construção, projetada pelo arquiteto japonês, o prof. Hiroshi Naito, com uma extensa área verde, na qual se pode observar a preocupação da cultura oriental com a harmonia e o equilíbrio. O lugar possui um enorme espelho d'água no centro do prédio que interliga os diferentes ambientes, sempre arejados e com aproveitamento da luz do dia. A Embaixada do Japão na Colômbia custeou a construção, que possui um espaço dedicado ao país patrocinador do projeto.

A Biblioteca Família El Raizal, localizada dentro da comunidade carente de Raizal, em Manrique, é um espaço pequeno e de poucos recursos, mas realiza cerca de 1.300 empréstimos mensais. Na biblioteca é desenvolvido o projeto *Lecturarte*, além de atividades com temas criados de acordo com o interesse da comunidade.

A jornalista Regina Scarpa da Revista *Nova Escola*, convidada pelo IC&A para viajar com o grupo, narrou em sua matéria sobre o intercâmbio, intitulada *Colômbia: a fantástica terra das bibliotecas públicas*, uma experiência própria: “Em uma tarde agitada na

Biblioteca El Raizal, também em Medellín, um garoto de 8 anos perguntou onde eu morava. Disse para encontrar um atlas para que eu lhe mostrasse onde fica o Brasil. Em 5 minutos, ele voltou com o livro aberto na página correta. O menino é frequentador assíduo do local e se sente em casa. Para crianças como ele, todos os dias, há um livro recomendado, ligado ao tema do mês.” (Trecho retirado da matéria).

Envolvido na ansiedade do que conheceria ao longo do segundo dia de visitas, o grupo conheceu a Escola do Professor, da Secretaria de Educação de Medellín. É um espaço que visa posicionar o professor como um profissional e intelectual de educação, permitindo a transformação de contextos educativos e, assim, melhorar a qualidade da aprendizagem dos alunos. Lá o grupo de brasileiros assistiu



Escola do Professor

a apresentação do Plano Municipal de Leitura de Medellín. O plano é uma parceria das Secretarias de Cultura e de Educação de Medellín, com organizações sociais locais. Seu objetivo é fomentar ações de promoção da leitura e da escrita na cidade, para sensibilizar a comunidade a exercer em conjunto uma ação crítica e participativa.

Ao visitar o Centro Formativo de Antioquia – Cefa, instituição de ensino particular, exclusivamente para meninas, onde Silvia Castrillón estudou, o grupo foi recepcionado por um coro de quase 1 mil alunas que gritavam: “Viva las maestras do Brasil”, emocionando a todos. A escola atende a meninas que concluíram o Ensino Básico, entre 15 e 17 anos. Em 2007, ganhou o prêmio de melhor escola de Medellín.

Segundo a jornalista Marcelle Ribeiro, do jornal *O Globo*, que viajou junto com o grupo, a convite do IC&A: “O Centro Formativo de Antioquia (Cefa), só para garotas, também conseguiu bons resultados. As alunas que mais pegam livros na biblioteca, que tem 12.053 volumes, são premiadas. Os professores ajudam as estudantes a descobrir de qual estilo literário gostam e estimulam uma espécie de “rodízio literário”, em que uma aluna lê o livro preferido da outra. A estudante Leslye Cuervo, de 16 anos, costumava ler apenas o que era necessário para as provas. Mas de 2011 para 2012 leu 26 obras.

— Se eu lia um romance e não gostava, a professora perguntava por que

eu não tinha gostado e me ajudava a descobrir outro. Isso me ajudou a escolher melhor — diz Leslye.” Trecho retirado da matéria sobre a viagem-prêmio, escrita por Marcelle Ribeiro, publicada no jornal *O Globo*, no dia 05 de novembro de 2012. Leia mais em: <http://oglobo.globo.com/educacao/colombiainspiraprofessores6634416#ixzz2MlkLXSh4>

No centro de Medellín, em uma bela casa, antiga residência construída a mais de um século, funciona a Casa da Leitura de Barrientos, uma biblioteca destinada ao público infantil até 12 anos. O local de tão bonito e antigo, foi declarado patrimônio arquitetônico da cidade, tendo sido restaurado pela Câmara Municipal. Atualmente o espaço é administrado pela empresa Comfenalco Antioquia.

A Biblioteca Parque de San Antonio de Prado está localizada em uma área semi-rural de Medellín, de população carente, dentro de uma comunidade. Durante a visita o grupo só pode ver do lado de fora, sem fotografar. Lá é desenvolvido o projeto *Bom começo*, que acompanha as gestantes e seus filhos até os cinco anos de idade. Como fica em uma área rural, com 198 espécies de árvores existentes, o projeto desenvolve também a harmonia entre o ser humano e a natureza, tendo telhados verdes, hortas e amplos espaços para atividades de leitura ao ar livre.

Situada entre duas diferentes áreas de conflitos, a Biblioteca Pública El Limonar funciona como “ponte” entre as duas comunidades rivais. Segundo a jornalista Marcelle Ribeiro, na matéria que escreveu sobre o espaço para o jornal *O Globo*, intitulada *Biblioteca instalada em área de conflito entre gangues na cidade de Medellín, na Colômbia, é ponto de referência para moradores, além de uma via importante para a paz na região*, fala que diante do problema de estar entre 13 gangues que brigam por poder e pelo território, foram construídas duas portas, em lados opostos da biblioteca. “A bibliotecária Shirley Ortiz conta que os moradores convivem pacificamente dentro da biblioteca, que têm



Biblioteca Pública El Limonar

detectores de metal nas portas e vigias uniformizados”. (Trecho retirado da matéria). A Biblioteca El Limonar possui um acervo de mais de 11 mil livros, disponibiliza 12 computadores para a população, oferecendo atividades de leitura diariamente, atendendo de 120 a 300 pessoas por dia.

A última visita na cidade de Medellín foi à Biblioteca Parque José Horácio Betancur, situada em uma área rural e, apesar de ainda estar em construção, já oferece atividades de leitura envolvendo a comunidade.

Durante a viagem, a secretária-geral da FNLIJ, Elizabeth Serra conversou com a jornalista Vânia Marta Espeirín, do jornal *Pioneiro*, que viajou a convite do IC&A, sobre a importância da biblioteca no Brasil. “A secretária-geral da FNLIJ, diz que é necessário colocar a literatura e a leitura como pontos de honra na formação do professor. Na sua opinião, os docentes precisam entender por que tem de existir a biblioteca e por que é importante a visão de professor pesquisador. Elizabeth percebe que, na Colômbia, há a vivência da biblioteca, coisa que, segundo ela, o Brasil não tem. — Isso tem de começar na educação. É a educação que precisa valorizar, na formação de professores, a importância da biblioteca e sua função e a questão da leitura literária, sugere.” (Trecho retirado da matéria).

O Sistema de Biblioteca Pública de Medellín consiste em 27 unidades,

entre bibliotecas e centros de documentação, cada qual, com características e níveis de desenvolvimento próprios. O Sistema surgiu para unificar as bibliotecas públicas e especiais ligadas à prefeitura, buscando garantir o livre acesso à informação, leitura e cultura, melhorando as cidades, nas zonas onde se concentra maior parte da população.

Bogotá

Em Bogotá, capital colombiana, o grupo visitou uma biblioteca escolar e outra pública, além da Babel Libros e do Museu do Ouro, nos dias 14 e 15 de setembro, e assistiu a apresentação do *Rede Capital de Bibliotecas Públicas de Bogotá – Biblored* - um programa de rede de bibliotecas interligadas da Secretaria de Educação de Bogotá.

O Colégio José Celestino Mutis é uma unidade moderníssima, com vários prédios que se comunicam, com uma bela vista. Localizado a 2.800 metros de altitude, na cidade de Bolívar, numa zona rural de Bogotá. A biblioteca atende a cerca de 3 mil alunos, entre os turnos da manhã e tarde. Todos os funcionários são moradores da comunidade. O local desenvolve o projeto *Bogotá Positiva* e a biblioteca oferece o serviço de entrega de livros em domicílio.

Em seguida o grupo visitou a primeira biblioteca-parque: a Biblioteca Parque Virgílio Barco. Possui uma

bela construção, na entrada há um espelho d'água em forma de cascata, e seus pátios levam aos espaços de leitura e cultura.

De acordo com o jornalista Rodrigo Zavala, do Grupo de Institutos, Fundações e Empresas – GIPE, que viajou a convite do IC&A, escreveu sobre a maior biblioteca-parque da Colômbia na matéria intitulada *Intercâmbio é fonte de ideias para a promoção à leitura*. “... Mas o objetivo central não é somente aprender a ler, mas sim atrair as pessoas para mostrar que a experiência da leitura pode transformar suas vidas. Este é o exemplo da Biblioteca Virgílio Barco, em Bogotá, que chama tanto a atenção... Com a mediação realizada em instituições como essa, desenvolvida por bibliotecários bem-remunerados e contagiados pelo trabalho, as ações de leitura, que percorrem diversas linhas do saber, aproximaram famílias e escolas, fazendo com que pais com pouca ou nenhuma instrução passassem a valorizar os livros.... Outro ponto a ser considerado foi levantado por Silvia Castrillón. – Elas deram uma imagem geral do que pode ser feito, mas está longe de serem ações universalizadas para toda a população. Como o Brasil, a Colômbia é um país de contrastes e desigual, lembrou Silvia” (Trecho retirado da matéria).

No local, o grupo assistiu a apresentação da *Rede Capital de Bibliotecas Públicas de Bogotá - Biblored*, um programa de rede de bibliotecas interligadas da Secretaria de Educação de Bogotá, que estabelece diretriz e proporciona uma estrutura de programação única para todas as bibliotecas. É um programa da prefeitura de Bogotá e do Ministério da Educação. Consiste em quatro grandes bibliotecas, e outras localizadas em pontos estratégicos da cidade para fornecer uma ampla cobertura de programas de leitura de promoção, serviços de biblioteca e atividades culturais. As maiores bibliotecas são: Virgílio Barco, Tunal Park, El Tintal Manuel Zapata Olivella e a Biblioteca Pública do Centro Cultural Julio Mario Santo Domingo, além das bibliotecas locais. Cada biblioteca é

um centro cultural, no qual o acesso é livre para os cidadãos de todas as idades. *A Biblored*, segundo o site oficial, atualmente atende a cerca de 4 milhões de usuários por ano, tornando-a uma das redes de bibliotecas mais visitadas em todo o mundo. Conheça mais sobre o *Biblored* no site www.biblored.org.co.

“A Colômbia tem uma realidade social parecida com a do Brasil e a programação do intercâmbio foi montada para que os professores brasileiros pudessem enxergar naquele contexto projetos de leitura exitosos e professores colombianos comprometidos com a leitura e escrita. O intercâmbio possibilitou a troca e a ampliação do olhar de quem está à frente dos projetos de leitura contemplados no concurso Escola de Leitores e os responsáveis pelas ações de leitura nas secretarias municipais de educação envolvidas. Outro importante papel do intercâmbio foi uma aproximação entre os professores brasileiros. Vivemos desde o embarque até o retorno ao Brasil momentos de muita reflexão, construção, emoção e reconhecimento por pertencer a um grupo de pessoas preocupadas em mudar a realidade da leitura em nosso país. O desafio agora é compartilhar esta vivência com mais pessoas e transformar os conhecimentos adquiridos em ações concretas nas escolas.” Volnei Canônica, coordenador do programa *Prazer em Ler* desenvolvido pelo Instituto C&A.

O grupo conheceu a editora e livraria Babel Libros, recepcionado por Silvia Castrillón e sua equipe, que apresentou o local bem organizado com livros para o público infantil e juvenil, na qual são oferecidas ações de leitura como rodas de leitura infantil e troca-troca de livros no projeto *Livro ao Vento*. Além de uma variada oferta de livros de autores de diversos países, como as brasileiras Ana Maria Machado, Marina Colasanti e Nilma Lacerda.

O último dia de intercâmbio foi livre. Houve uma visita guiada ao Museu do Ouro, próximo ao centro de Bogotá, onde foi possível apreciar

as peças que retratam a história do povo indígena colombiano, e após o almoço, no bairro da Candelária, o Museu do Botero. Antes do retorno ao Brasil, os brasileiros compraram lembranças em uma feirinha local.

Leia a seguir o texto de Didier Álvarez apresentado no Seminário realizado em Medellín.

CONTRIBUIÇÕES PARA UMA ÉTICA DA EDUCAÇÃO NA CULTURA ESCRITA.

Didier Álvarez

Professor Associado
Escola Interamericana de
Biblioteconomia
Universidade de Antioquia

“O que faço quando ensino? Falo. Não tenho outra maneira de ganhar o meu pão nem outra dignidade; não tenho outra maneira de transformar o mundo nem outra influência sobre os homens. A palavra é o meu trabalho; a palavra é o meu reino.”

Paul Ricoeur

INTRODUÇÃO

Para perguntarmos atualmente sobre a formação leitora na escola é necessário chamarmos atenção para a crise da vida social e política que assistimos. A época de hoje é dominada por um individualismo voraz e um utilitarismo vergonhoso. Ao livre fluir do Ser opõem-se os emaranhados da busca egoísta pelo êxito material, da luta feroz por reconhecimentos e posses. O consumo é agora a pulsão fundamental da vida, uma busca insaciável por posses em meio a um cotidiano monótono e desesperançado.

Nesse contexto, a reflexão que aqui fazemos procura questões éticas da educação na cultura escrita, entendendo-a como uma prática de humanização, ou seja, como um processo social educativo que contribui para formar a condição de pessoa íntima, de *sujeito social e de cidadão*.

1. COMPREENSÃO INICIAL: O QUE É A CULTURA ESCRITA? O QUE É A EDUCAÇÃO NA CULTURA ESCRITA?

1.1. A cultura escrita

Em termos gerais, pode-se entender a cultura escrita como “(...) *uma condição social e um estado mental, com seus próprios níveis de linguagem e cognição (expressáveis) podendo ser expressos por escrito.*” Em termos mais específicos, o conceito se refere ao conjunto de significados publicamente compartilhados que permitem as pessoas terem representações da leitura e da escrita, e dialogarem com elas num contexto social historicamente determinado. Nesse sentido, a cultura escrita está conformada por uma dimensão cultural ou simbólica, uma dimensão pragmática social e uma dimensão política ou de poder, assim:

A dimensão cultural ou simbólica da cultura escrita, que, por sua vez, está constituída pela **leitura e a escrita**, e que são âmbitos simbólicos nos quais as pessoas desenvolvem sua ação social. Nesta medida, a leitura e a escrita pré-existem ao sujeito, e atuam sobre ele. São elementos da cultura sobre os quais certas representações e imaginários acontecem socialmente.

A dimensão pragmática da cultura escrita, que se expressa, em primeiro lugar, no ler e no escrever, ações estas entendidas como históricas, contextualizadas, intencionais, opcionais, que integram as pessoas, de maneira ativa e real, à cultura escrita, e lhes permitem sua individuação (a construção do íntimo) e sua socialização (a construção do privado e do público). Por isso mesmo, o ler e o escrever constituem um território de disputas culturais e frequentes estratégias de dissensão social.

E, em segundo lugar, a *alfabetização funcional*, que alude, conforme propõe o pesquisador espanhol Daniel Cassany, a “(...) *todos os conhecimentos e atitudes necessárias para o uso eficaz numa comunidade dos gêneros escritos. Concretamente, abarca o manejo do código e dos gêneros escritos, o conhecimento da função*

do discurso e dos papéis que assumem o leitor e o autor, os valores sociais associados com as práticas discursivas correspondentes, as formas de pensamento que se desenvolveram com elas, etc.”

A dimensão política ou de poder, que alude à *alfabetização*, ou seja, ao processo de integração social e política das pessoas a uma ordem específica de cultura escrita, para o qual são habilitadas com certos graus diferenciados de *alfabetização funcional*. A alfabetização, assim sendo, acarreta uma perspectiva ideológica e o consequente deslanchar de uma ação institucional (social e estatal). A partir de um enfoque crítico, a alfabetização é tanto uma construção ideológica quanto um movimento social assentado sobre um projeto de habilitação política das pessoas para a compreensão e a transformação da sociedade. Portanto, tem a ver menos com o ensinar a leitura e a escrita do que com a produção e reprodução das relações sociais (normalmente nas linhas das dominações).

1.2. A educação na cultura escrita

Pode ser entendida como a dimensão pedagógica da alfabetização. Portanto, busca com essa dimensão resolver conceitual e operativamente o problema do direito de acesso e o pleno gozo da cultura escrita em relação com outros sistemas simbólicos. Essa estratégia é fundamentalmente tutelada por instituições sociais sob o direcionamento do Estado e é estimulada pela própria sociedade.

A educação na cultura escrita está, nessa medida, voltada para facilitar a conformação de um certo comportamento leitor, que é normalmente funcional à ordem hegemônica do mundo social e que preenche a leitura e a escrita de conteúdo simbólico, ritual e mítico.

A educação na cultura escrita está vinculada, então, a práticas formativas realizadas pela escola, o que se pode chamar de educação formal dos leitores, e a práticas formativas realizadas por

outras agências diferentes da escola, como, por exemplo, a biblioteca, o que se pode chamar de educação no cotidiano dos leitores.

Nesta ordem de ideias, pode-se entender que a *educação na cultura escrita* tem duas grandes dimensões:

- *A dimensão formadora e reguladora*, que alude aos processos de socialização e integração das pessoas à leitura e à escrita a partir de uma certa perspectiva de desenvolvimento do potencial humano.

- *A dimensão instrucional*, que aponta para o desenvolvimento de habilidades e competências específicas nas pessoas.

De tal forma, *a educação na cultura escrita* é um processo no qual as instituições sociais desempenham um papel fundamental, na medida em que são detentoras e reproduzoras da ordem social hegemônica da “sociedade maior”.

Na sociedade moderna, as três principais instituições que participam da formação leitora são **o lar, a escola e a biblioteca**. Entende-se o lar como o primeiro espaço social de formação do leitor e dos materiais de leitura, a escola como âmbito de formalização da *alfabetização funcional* e a biblioteca como âmbito de pós-alfabetização. Até agora, e dentro do contexto da tremenda institucionalização da leitura e da escrita na escola, exige-se que a cultura escrita se cidadanize, que transgrida os limites da escolaridade e que se promova e exerça como direito cidadão.

2. A HUMANIZAÇÃO COMO HORIZONTE ÉTICO DA EDUCAÇÃO NA CULTURA.

É preciso advertir, inicialmente, que a ideia de *humanização* alude ao processo de construção integral de todas as dimensões do humano; ou seja, tudo aquilo que conforma a pessoa humana e que lhe permite autoreferir-se, ser responsável por si e pelos outros, ter continuidade de propósitos em seus ideais de vida digna e resolver o sentido de sua transcendência.

A humanização não é um produto acabado; é, sim, um processo de *autoconfiguração permanente do ser que somos*,

¹ HAVELOCK, Eric. La ecuación oral-escrito: una fórmula para la mentalidad moderna. En: OLSON, David R. y TORRANCE, Nancy, comp. Barcelona : Gedisa . 1995; p. 27

² CASSANY, Daniel. Investigaciones y propuestas sobre literacidad actual: multiliteracidad, Internet y criticidad. En: Cátedra UNESCO para la Lectura y la Escritura. Universidad de Concepción, Chile. p. 2

³ GIROUX, Henry. Introducción: La alfabetización y la pedagogía de la habilitación política. En: FREIRE, Paulo y MACEDO, Donald. Lectura de la palabra y lectura de la realidad. Barcelona : Paidós, 1989; p.25

de frente para o mundo no qual se reflete. Assim, a humanização tem três elementos que a expressam:

- **A configuração do íntimo como cimento da pessoa humana.** O íntimo alude à esfera das relações consigo mesmo, ou seja, à vida interna, ao âmbito onde resolvemos a vida que levamos conosco mesmos. Logo, essa dimensão está referida ao sentido de si mesmo e à transcendência.

- **A promoção do subjetivo,** ou seja, da esfera das relações estabelecidas com outros. O subjetivo é, obviamente, o produto das relações entre sujeitos. É funcional aos papéis que se tem no mundo social, às identidades sociais e às imagens que os outros têm de nós. O subjetivo se expressa com força especial nas relações privadas interpessoais. O resultado psíquico dessa relação subjetiva é a *personalidade*, entendida como mediação entre o íntimo e o mundo. Por isso, a personalidade é apenas um produto histórico, mundo condensando em nosso interior, pelo que não poderia ser confundida com a *essência* íntima de cada um e que se refere ao espiritual transcendente, ou seja, a parte do Ser que nos habita.

- **A promoção do público,** ou seja, da esfera das relações com outros, mas com enfoque não na personalidade mas sim na integração, na normatividade geradora da ordem social, no poder transformado em ordem. O público é o território do *cidadão*; está, por isso mesmo, expressamente vinculado ao *sistema*, ou seja, ao âmbito da ordem política.

Nesta perspectiva proposta, fica óbvio que a *educação na cultura escrita* não pode ser uma prática humanizante; ela aborda frontalmente essas três dimensões da vida anteriormente consideradas. Querer trabalhar só na dimensão política, por exemplo (o que parece estar em voga), é totalmente inadequado e distante dos desafios de complexidade que acarreta o humano. De fato, o afã de nos constituirmos em torno de uma imagem pública levou ao *excesso da cidadania*, o que geralmente dissolve a própria identidade pessoal numa máscara pública que não diz nada aos nossos mais profundos

anseios de Ser.

Ser é muito mais que a identidade subjetiva (a imagem com outros) ou a identidade cidadã (a imagem e prática do *meu poder* junto com o poder de outros). Cabe dizer que fazer-nos uma personalidade forte, bem-sucedida, arrasadora, não é o objetivo de nossa vida, ou pelo menos o objetivo transcendente de nossa vida. Viver para criar a anteface da personalidade é tão disparatado quanto pretender viver nossa imagem no espelho.

Por outro lado, é preciso notar que a humanização vista como horizonte da formação leitora estará sempre afetada pelo marco a partir do qual se conceba o mundo e o homem nesse mundo. Assim, a humanização se torna um assunto profundamente ideológico e, portanto, algo que não se pode declarar neutro: somos humanos a partir de certas referências de vida, a partir de concepções específicas do valor da existência e da pessoa humana, a partir de certas ordens de mundo que se difundem e reproduzem para benefício de alguns e para uma dura alienação de muitos.

Efetivamente, à sombra da alucinante mentalidade mercantilista moderna, acreditava-se que para Ser é necessário subir em cima dos outros. Então, confunde-se o respeito do amor fraterno e a solidariedade humana com a respeitabilidade do nome, do título e das posses. De tal forma, já não existe campo para essas questões ridículas e ultrapassadas da igualdade da procedência humana, da fraternidade e da solidariedade, da responsabilidade de si mesmo e da unidade irrenunciável com o outro na abarcante infinitude da experiência do mundo.

No cerne da brutal mentalidade neoliberal que hoje domina o mundo impera a lei da selva, e aquele que não progride ou que carece de êxito é um perdedor e não contará com nada além da miséria, o merecido castigo por sua falta de interesse e de ambição. Assim sendo, a falta de posses (que não é sinônimo de pobreza, com certeza), na mesma medida em que se lhe remove toda a razão política, é alardeada como produto da preguiça e de uma grave falência do ser humano. Esquece-se

com isso que o humano não se limita à posse do mundo mas sim, e antes de mais nada, é uma concepção do mundo, ou seja, a fecundação do mundo com a semente da inteligência e o anseio de ser humano. Conceber a dignidade como dependente do material é reduzi-la à sua expressão mais ínfima. Não obstante, o humano também precisa desse suporte material para poder elevar-se às alturas da transcendência, pois não há nada transcendente que não tenha sua expressão material, nem nada material que não tenha seu correlato transcendente.

3. UMA ÉTICA DA EDUCAÇÃO NA CULTURA ESCRITA?

Dando as costas para esse panorama, certas ideias tradicionais da *educação na cultura escrita* podem chegar a assumir que, pelo próprio fato de *trabalharem com as pessoas*, já estão colaborando para a sua humanização. Porém, sua tarefa fundamentalmente apoiada no operacional e no sentido da disposição dos meios não se apoia numa reflexão séria do problema dos fins e efeitos da prática educativa; e é precisamente aqui que se centra o problema ético.

Diante dele, inicialmente, é conveniente esclarecer o que se pode entender por moral e ética, para poder em seguida aplicá-las à prática da *educação na cultura escrita*. Por moral, tirado de Adela Cortina, há que se entender o saber prático que ensina os homens a atuar racionalmente e lhes permite tomar decisões prudentes e justas, tendo como horizonte um bem viver, ou seja, sua plena humanização. Quanto à ética, ela pode ser entendida como o ramo da filosofia que se dedica a compreender o que é a moral, por que os homens atuam dentro de uma moral, e como se pode aplicar a moral à vida do homem em sociedade.

Consequentemente, é possível distinguir pelo menos três expressões da ética:

- *A ética pessoal ou do íntimo*, com referência na vida interior de cada um, e que alude ao poder que se exerce sobre si mesmo, sobre o próprio mundo interior.
- *A ética social*, com referência nos vínculos com outros em circuitos de rela-

ções de integração. Refere-se ao poder que se constrói e exerce sobre o mundo social, com outros e sobre outros.

- *A ética política*, que se desenvolve nos processos de conformação da esfera pública e se exerce sobre o sistema ou mundo político.

A partir desses parâmetros, pode-se desprender algum conjunto de ideias que ajudem a renovar e potencializar o horizonte ético da *educação na cultura escrita* como prática de humanização.

- *A educação na cultura escrita* deve humanizar; caso contrário, torna-se um engano e uma armadilha para as pessoas. Para humanizar como ideal central é necessário que a formação em leitura promova um projeto de vida (individual e coletiva) que deverá ser vivida com dignidade, esperança e transcendência em meio à incerteza e a contingência que nos traz o mundo. Humanizar, então, não é forçar uma integração anestesiada das pessoas com a cultura escrita para igualá-las em expectativas e demandas econômicas.

- Tendo como o foco o *esquecimento de si próprio*, não existem possibilidades de fazer uma educação na cultura escrita que seja humanizante. De fato, um assunto problemático do íntimo, que não aceita intervenção a partir da educação, é o que alguns chamam de “esquecimento de si” ou tendência à dissolução de si próprio na maré social e no mundo que, vociferante, oculta nossa própria identidade de ser. Educar-se na cultura escrita, a partir dessa perspectiva ética, significa ativar a capacidade das pessoas entrarem em si mesmas e perguntarem, questionarem, revisarem as estruturas compreensivas que cada um tem de si mesmo e limita em seu potencial humano. Disso se desprende a audaz consideração de que a *educação na cultura escrita* não é uma

prática à margem da vida íntima, mas sim uma ação premeditada dirigida a nela intervir. Por isso torna-se um exercício social de constante provocação e estímulo à expressão pessoal e não uma questão reducionista.

- *A educação na cultura escrita* deve inculcar na vida a solidariedade como dimensão ética fundamental do público. De fato, deve vincular compromissos e esforços pessoais e institucionais dirigidos ao desenvolvimento de uma democracia radical que seja exercida por homens e mulheres com um sentido profundo de Ser. Pois a cidadania exige homens e mulheres que caminhem em direção a si mesmos e não figuras copiadas umas das outras. Entenda-se isso de maneira que a *educação na cultura escrita* não deva servir para reproduzir as ordens desumanizantes que agoniam o mundo, mas sim para conformar a ação política na perspectiva de promover a pluralidade de visões e interesses dentro da comunidade local, ou seja, a radicalização da democracia. Essa radicalização deve ser entendida como a urgente ampliação do acesso de pessoas e comunidades ao poder e à tomada de decisões.

Resumidamente, pode-se dizer que existem três grandes tarefas ético-políticas da formação de leitores:

- a. Promover a identidade e a inclusão social de forma que estimule nas pessoas o exercício de práticas de leitura e escrita dirigidas ao reconhecimento e realização de sua condição pessoal e social cidadã.
- b. Estimular a coesão social de forma que permita integrar diferentes percepções subjetivas da participação na sociedade e gere fortalecimento das redes de trabalho e instituições que ampliem a solidariedade social.
- c. Promover a capacitação para que as pessoas tenham acesso aos recursos de

leitura e informação necessários para se integrarem a redes sociais e à ação social.

Isso exige que o educador na cultura escrita seja:

- a. Uma pessoa comprometida com a integração e conquista de seu Ser.
- b. Um cidadão, reconhecido e capaz enquanto sujeito político, não subalterno e perdido no anonimato.
- c. Um ser dialogante, não silente.
- d. Um sujeito comprometido com a dignificação da vida, não neutro ou indiferente à barbárie e à desumanização.
- e. Um sujeito social colaborativo e propenso à ação coletiva, não um ente isolado e egoísta.
- f. Um profissional reflexivo, não meramente técnico e reprodutivo.
- g. Um profissional crítico das perspectivas fácticas que estreitam as perspectivas do mundo, não acrítico e amortecido.

Uma conclusão possível

Para considerar uma ética para a *educação na cultura escrita* é preciso refletir sobre critérios de humanização que orientem a vinculação das pessoas à cultura escrita, entendida como uma ferramenta essencial no esforço para conquistar seu próprio ser, para adquirir a maioria, para tornar-se sujeito e não objeto do mundo ou da sociedade. Noutras palavras, uma ética da *educação na cultura escrita* busca contribuir para a formação de um homem capaz de si mesmo, com um sentido compartilhado do mundo social, com um horizonte normativo dinâmico, com capacidades críticas frente à situação social que o afeta, pronto para a atuação social, tornando-se cidadão envolvido na resolução dos problemas sociais.



Instituto C&A ganha o título de Amigo do Livro

No dia 10 de dezembro de 2012, em São Paulo, o Instituto C&A foi homenageado com o título Amigo do Livro, concedido anualmente pela Câmara Brasileira do Livro – CBL – a personalidades e instituições que se destacam em ações que valorizam a leitura. A solenidade contou com a presença de Paulo Castro, presidente do IC&A, Volnei Canônica, coordenador do programa *Prazer em Ler*, projeto do IC&A e Karine Pansa, presidente da CBL.

VEM AÍ O

SALÃO FNLIJ DO LIVRO PARA CRIANÇAS E JOVENS



Venha comemorar conosco
os 15 anos do Salão da FNLIJ

ao lado do Metrô Estácio

realização



5 A 16 DE JUNHO DE 2013

Centro de Convenções SulAmérica

Av. Paulo de Frontin com Av. Pres. Vargas | Cidade Nova

Veja a programação no site www.salaofnlij.com.br



PETROBRAS

apresenta

MANTENEDORES DA FNLIJ

A Girafa Editora Ltda; Abacatte Editorial Ltda; Ação Social Claretiana; Artes e Ofício Editora Ltda; Autêntica Editora Ltda; Associação Brasileira de Editores de Livros; Berlendis Editores Ltda; Brinque-Book Editora de Livros Ltda; Callis Editora Ltda; Câmara Brasileira do Livro; Ciranda Cultural Edit. e Dist. Ltda; Cortez Editora e Livraria Ltda; Cosac Naify Edições Ltda; DCL - Difusão Cultural do Livro Ltda; Doble Informática Ltda; Edelbra Ind. Gráfica e Editora Ltda; Edições Escala Educacional Ltda; Edições SM Ltda; Ediouro Publicações S/A; Editora 34 Ltda; Editora Ática S/A; Editora Bertrand Brasil Ltda; Editora Biruta Ltda; Editora Dedo de Prosa Ltda; Editora Dimensão Ltda; Editora do Brasil S/A; Editora FTD S/A; Editora Fundação Peirópolis Ltda; Editora Globo S/A; Editora Guanabara Koogan S/A; Editora Iluminuras Ltda; Editora José Olympio Ltda; Editora Lafonte Ltda; Editora Larousse do Brasil; Editora Lê Ltda; Editora Manole Ltda; Editora Melhoramentos Ltda; Editora Moderna Ltda; Editora Mundo Jovem 2004 Ltda; Editora Nova Alexandria Ltda; Editora Nova Fronteira S/A; Editora Objetiva Ltda; Editora Original Ltda; Editora Paz e Terra; Editora Planeta do Brasil Ltda; Editora Positivo Ltda; Editora Projeto Ltda; Editora Prumo Ltda; Editora Pulo do Gato Ltda; Editora Record Ltda; Editora Rideel Ltda; Editora Rocco Ltda; Editora Scipione Ltda; Editora Shwarcz Ltda; Elementar Publicações e Editora Ltda; Florescer Livraria e Editora Ltda; Fundação Cultural Casa de Lygia Bojunga Ltda; Geração Editorial Ltda; Girassol Brasil Edições Ltda; Gráfica Editora Stampa Ltda; Global Editora e Distribuidora Ltda; Imperial Novo Milênio Gráfica e Editora Ltda; Inst. Bras de Edições Pedagógicas -IBEP (RIO); Instituto Cultural Aletria Ltda; Jorge Zahar Editora Ltda; Jujuba Editora; Livros Studio Nobel Ltda; Manati Produções Editoriais Ltda; Marcos Pereira; Martins Editora Livraria Ltda; Mazza Edições Ltda; Meneghetti Gráfica e Editora Ltda; Noovha América Editora Distrib. de Livro Ltda; Pallas Editora e Distribuidora Ltda; Paulinas - Pia Soc. Filhas de São Paulo; Paulus - Pia Soc. de São Paulo; Pinakothek Artes Ltda; Publibook Livros Papeis S/A - L&PM; Publicação Mercuryo Novo Tempo; PwC; RHJ Livros Ltda; Rovel Edições e comércio de Livros; Salamandra Editorial Ltda; Saraiva S/A Livrários Editores Ltda; Sindicato Nacional dos Editores de Livros - SNEL; Texto Editores Ltda; Uni Duni Editora de Livros Ltda; Universo dos Livros Editora Ltda; Verus Editora Ltda; WMF Martins Fontes Editora Ltda.

EXPEDIENTE - Editor: Elizabeth D'Angelo Serra • **Jornalista:** Claudia Duarte • **Diagramação:** Horacio Costa Design • **Fotolito e Impressão:** PwC • **Gestão:** FNLIJ 2011-2014 • **Conselho Curador:** Alfredo Gonçalves, Laura Sandroni, Silvia Negreiros, Suzana Sanson e Wander Soares. **Conselho Diretor:** Ana Ligia Medeiros, Isis Valéria (Presidente) e Marisa de Almeida Borba. **Conselho Fiscal:** Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira e Terezinha Saraiva. **Suplentes:** Anna Maria Rennhack, Jorge Carneiro e Regina Bilac Pinto. • **Conselho Consultivo:** Alfredo Weiszflog, Annete Baldi, Bia Hetzel, Cristina Warth, Eduardo Portella, Eny Maia, José Alencar Mayrink, José Fernandes Ximenes, Lilia Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Paulo Rocco, Regina Lemos, Rogério Andrade Barbosa e Silvia Gandelman • **Secretária Geral:** Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se à FNLIJ e receba mensalmente o Notícias, em versão impressa.

telefone: 21 2262-9130

e-mail: fnlij@fnlij.org.br

www.fnlij.org.br

APOIO



Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Abril - Brasil Tel.: (0XX)-21-2262-9130 Fax: (0XX)-21-2240-6649 E-mail: fnlij@fnlij.org.br

IMPRESSO



Nesta edição da Biblioteca FNLIJ, encarte do Notícias 04/2013, estamos publicando a 4ª relação de livros enviados pelas editoras até o dia 04 de dezembro de 2012 para a 39ª Seleção Anual do Prêmio FNLIJ 2013 – Produção 2012 – totalizando 207 títulos.

8Inverso

Uma casa para babas. Marta Ortells. Il. Martina Schreiner
É verdade! É mentira! Dilan Camargo. Il. Laura Castilhos

Abacatte

Para o seu Almeida, com um abraço! Elisabeth Steinkellner. Trad. Hedi Gñadinger. Il. Michael Roher
Quatro jabutis. Roseana Murray. Il. Regina Rennó

Atual

Bullying no aquário. Ivan Jaf. Il. Eduardo Arruda

Bagaço

Louis Braille, um menino que reaprendeu a ver. Socorro Miranda. Il. Milena Assunção

Baú de Ideias

O menino da gota serena. Rodrigo Leão. Il. Speto

Bertrand Brasil

O ataque da Vampantera! Rob Stevens. Trad. Ana Resende. Il. Adam Stower
Caçadores de sombras. Daniel Blythe. Trad. Cláudia Mello Belhassof
Encantos. Aprylinne Pike. Trad. Sibebe Menegazzi
Fora das sombras. Jason Wallace. Trad. Marina Slade
Ilusões. Aprylinne Pike. Trad. Sibebe Menegazzi
O sacrifício. Joseph Delaney. Trad. Ana Resende
Wunderkind: uma reluzente moeda de prata. D'Andrea G.L. Trad. Mario Fondelli

BesouroBox

Ana K. Sergio Napp. Il. Marco Cena
O enterro prematuro e outros contos de terror. Edgar Allan Poe. Trad. Jorge Ritter. Il. Marco Cena
Pão feito em casa. Rosana Rios. Il. Marco Cena
Por trás das cortinas. Antônio Schimeneck. Il. Marco Cena

Biruta

O segredo de Rigoberta. Raquel M. Barthe. Trad. Catarina Meloni. Il. Leticia Asprón

Brinque-Book

Biblioteca??? uma biblioteca pode fazer milagres! Lorenz Pauli. Trad. José Feres Sabino. Il. Kathrin Schärer
Chapeuzinho Redondo. Geoffroy de Pennart. Trad. Gilda de Aquino. Il. Geoffroy de Pennart
Entre nuvens. André Neves. Il. André Neves
Escola de chuva. James Rumford. Il. James Rumford

Caramelo

A origem dos guardiões: os guardiões se misturam. DreamWorks. Trad. Mila Dezan
A origem dos guardiões: mundos fantásticos. DreamWorks. Trad. Mila Dezan

Casa da Palavra

Bibliotecas do mundo. Daniela Chindler. Il. Mariana Massarani, Bruna Assis Brasil, Andrés Sandoval, Elma, Mario Bag, Juliana Bollini e Ciça Fittipaldi

Claro Enigma

Química em questão. Alfredo Luis Mateus

Companhia das Letras

A máquina de Goldberg. Vanessa Barbara. Il. Fido Nesti
Monstros! Gustavo Duarte
Murundum. Chacal

Companhia das Letrinhas

Beto e Bia em Não pode, não! Geoffrey Hayes. Trad. Érico Assis. Il. Geoffrey Hayes
Candinho e o projeto Guerra e Paz. Sávia Dumont. Bordados por Antônia Zulma Diniz, Ângela, Demóstenes, Marilu, Martha e Sávia Dumont
Chapeuzinho Vermelho: para ler e tocar. Christian Guibbaud. Trad. Júlia Moritz Schwarcz. Engenharia de papel de Camile Baladi
João e o bicho-papão. Sinval Medina. Il. Renata Bueno
O lago secou. Anthony Doyle. Trad. Érico Assis. Il. Larissa Ribeiro
O muro: crescendo atrás da Cortina de Ferro. Peter Sís. Trad. Érico Assis. Il. Peter Sís
Picasso e seus mestres. Mila Boutan. Trad. Marcela Vieira
Os três porquinhos: para ler e tocar. Xavier Deneux. Trad. Júlia Moritz Schwarcz. Engenharia de papel de Camile Baladi

Confraria do Vento

O alemão. Cristina Aragão. Il. Suzana Massini

Cortez

As abotoaduras do gigante. Reconto de Júlio Emílio Braz. Il. Mozart Couto

Assassinato na ilha de Boipeba. Marcello Fuitem. Il. Roberto Melo

O cão sobre rodas. Fernando A. Pires. Il. Fernando A. Pires

Carmela caramelo. Cris Rogério. Il. André Neves

As casas. Fábio Supérbi, Juliana Notari e Marcelo Maluf. Arte. Fábio Supérbi e Juliana Notari

Cascudinho o menino feliz. Cristine T. da Cunha Lima Rosado e Diógenes da Cunha Lima. Il. Marco Antonio Godoy

O colecionar de águas. Elaine Pasquali Cavion. Il. Lúcia Hiratsuka

Contos de mistério & assombros. Nelson Albissú. Il. Mirella Spinelli

Desenvolvimento humano? E eu com isso? Katia Gonçalves Mori e Silmara Rascalha Casadei. Il. Joubert José Lancha

Dez histórias de onça. Marga Moura Egypto. Il. Mirella Spinelli

Em busca da pirâmide de diamantes. Marconi Leal. Il. Rodrigo Abraham

Galante. João Proteti

A história de Hermes. Paulo César Simões-Lopes. Il. Ane Mitri

Minha alma é mulher: uma história de amor. Maria da Glória Cardia de Castro. Il. Mirella Spinelli

Na contramão da vida. Maria da Glória Cardia de Castro. Il. Joubert José Lancha

O pontinho da saudade. Silmara Rascalha Casadei. Il. Lisie De Lucca

O príncipe contador de histórias/As parábolas de Jesus Cristo. Adapt. Ellen Pestili. Il. Ellen Pestili

Quando Nina ficou doente. Ellen Pestili. Il. Ellen Pestili

Quanto mais eu rezo, mais assombração aparece! Lenice Gomes. Il. Angelo Abu

O que é cultura popular? Moreira de Acopiara. Il. Luciano Tasso

Sete Povos das Missões: em quadrinhos. Walter Vetillo. Il. Eduardo Vetillo

O vestido florido nos olhos de Aparecido. Jonas Ribeiro. Il. Marco Antonio Godoy

Cosac Naify

Peter e Wendy. J.M. Barrie. Trad. Sergio Flaksman. Il. Guto Lacaz

Simbá, o marujo. Stela Barbieri. Il. Fernando Vilela

Traço e prosa: entrevistas com ilustradores de livros infantojuvenis. Por Odilon Moraes, Rona Hanning e Maurício Paraguassu

Cubzac

O burro errante. Habib Zahra. Il. Valéria Rey Soto

E. Mazza

Zé Quati e a floresta encantada. Emanuel Mazza. Il. Rafael Marinho

Ed. Nacional

O fantasma de Canterville. Oscar Wilde. Adapt. Sean Michael Wilson. Trad. Nina Basílio. Il. Steve Bryant

Editorial 25

Negras memórias. Luiz Galdino. Il. Leonardo R. Malavazzi

A primavera do amor. Luiz Galdino. Il. Leonardo R. Malavazzi

Escala Educacional

As aventuras de Tom Sawyer. Mark Twain. Adapt. Henrique Félix. Il. Eliza Freire

O mágico de Oz. L. Frank Baum. Adapt. Eliana Martins. Il. Rosana Urbes

O médico e o monstro. Robert Louis Stevenson. Adapt. Ronaldo Antonelli. Il. Coruja

Primórdios da literatura brasileira. Roteiro e adapt. Ronaldo Antonelli. Il. Francisco Vilachá

Prometeu acorrentado. Ésquilo. Adapt. Luiz Galdino. Il. Alexandre Camanho

Os sapatos da mamãe. Ilan Brenman. Il. Rogério Coelho

Escrita Fina

Amizade desenhada. Ana Cristina Melo. Il. Cris Alhadef

Cordel das cavalhadas. Sandra Lopes. Il. Luciana Carvalho

Enquanto papai não volta... Maria Inez do Espírito Santo. Il. André Côrtes

Para minha professora com gratidão... Dailza Ribeiro. Il. Aline Haluch

Formato

Os amores de meu pai: reconstrução livre do mito Hipólita, a rainha das Amazonas. Sonia Rodrigues. Il. Márcio Koprowski

Canta sabiá. Giselda Laporta Nicolelis. Il. Nilton Bueno

O macaco que duvidava. Anna Flora. Il. Cláudio Martins

Num pequeno planeta. Luis Diaz. Il. Luis Diaz

Preta, Black e La Negra. Monika Papescu. Il. Monika Papescu

Zumbi, o menino que nasceu e morreu livre. Janaína Amado. Il. Gilberto Tomé

FTD

Aída. Giuseppe Verdi. Adapt. Han Mi-Ho. Trad. Heloisa Prieto. Il. Lucia Sforza

A aventura de Abaré. Juliana Schroden. Il. Roberto Weigand

Charles na escola de dragões. Alex Cousseau. Trad. Ligia Cademartori. Il. Philippe-Henri Turin

A flauta mágica. Wolfgang Amadeus Mozart. Adapt. Lee Mi Oak. Trad. Heloisa Prieto. Il. Edmee Cannard

Histórias a quatro patas. Alexandre de Castro Gomes. Il. Jótah

A ilha do crocodilo: contos e lendas do Timor-Leste. Geraldo Costa. Il. Mauricio Negro

O jogo do pega-pega. Flávia Muniz. Il. Fabiana Salomão

O jogo do puxa-puxa. Flávia Muniz. Il. Fabiana Salomão

O jogo do via e vem. Flávia Muniz. Il. Fabiana Salomão

La traviata. Giuseppe Verdi. Adapt. Lee Gyeong Hye. Trad. Heloisa Prieto. Il. Aurelia Fronty

O lago dos cisnes. Pyotr Ilyich Tchaikovsky. Adapt. Lee Ji Yoeng. Trad. Heloisa Prieto. Il. Gabriel Pacheco

Um mundo de histórias de países distantes. Graziella Favaro. Trad. Maria Amália Camargo.

Palmeirim de Inglaterra: história de combates, amores e aventuras do valoroso cavaleiro. Francisco de Moraes. Adapt. José Santos e Marco Haurélio. Il. Jô Oliveira

Peter Pan. J.M.Barrie. Trad. Flavio de Souza. Il. Marília Pirillo

Quadrinhas para miúdos. José Santos. Il. Bruna Assis Brasil

O sabiá e a girafa. Leo Cunha. Il. Graça Lima

Sequestro no cibernundo.

Marco Túlio Costa. Il. Allan Rabello

Turandot. Giacomo Puccini.

Adapt. Eom Hye Sug. Trad. Heloisa Prieto. Il. Miriam Miras

Você quer ser meu amigo? Éric Battut. Trad. Ligia Cademartori. Il. Éric Battut

Girassol

Era uma vez... aprendendo português. Paula Furtado. Il. Biry Sarkis

Histórias curando histórias.

Paula Furtado. Il. Biry Sarkis

Meu papai é grande, é forte,

mas... Coralie Saudo. Trad.

Renata Nakamo. Il. Kris Di Giacomo

Monstro Amor. Rachel Bright.

Trad. Márcia Lígia Guidin. Il.

Rachel Bright

Saudade. Ricardo Viveiros. Il.

Zélio Alves Pinto e Luw

Seres fantásticos do folclore

brasileiro. Regina Drummond.

Il. Taciana Ottowitz

Terapia do conto: para curar o

coração. Paula Furtado. Il. Carol Juste

Iluminuras

Cultura. Arnaldo Antunes. Il.

Thiago Lopes

A fome do lobo. Cláudia Maria

de Vasconcellos. Il. Odilon

Moraes

Lafonte

O canto do uirapuru. Cipis. Il.

Cipis

Centopeia. Anna Claudia Ramos, Lenice Gomes e Hermes Bernardi Junior. Il. Hermes Bernardi Junior

A horta do vovô Manduca.

Débora Rubin. Il. Fabiana

Salomão

Mãe assim quero pra mim. Edy

Lima. Il. Ivan Zigg

A menina da placa. Michel

Gorski. Il. Fernando Vilela

Por que será? Renata Bueno. Il.

Renata Bueno

O que será? Renata Bueno. Il.

Renata Bueno

Quem será? Renata Bueno. Il.

Renata Bueno

Larousse

A tempestade. William

Shakespeare. Adapt. John

McDonald. Trad. Helô Beraldo.

Arte de John Haward

Lê

As aventuras de Pépin: o

pequeno peregrino. Fábio Tucci

Farah. Il. Anna Cunha

Brasília de A a Z: o olhar de três

gerações. Tino Freitas. Il. Kleber

Sales

Madrugada na casa do bruxo.

Elizete Lisboa. Il. Ana Raquel

Vicente em palavras. Caio Riter

Manati

Bagunça no mar. Bia Hetzel. Il.

Mariana Massarani.

As crianças vão ficar doidas!

Tino Freitas. Il. Mariana

Massarani.

Diário da montanha. Roseana

Murray

Estrelas de São João. Graziela

Bozano Hetzel. Il. Elisabeth

Teixeira

Mercado de Letras

Inquietudes e desacordos: a

leitura além do óbvio. Luiz

Percival Leme Britto

Leitura e cidadania: ações

colaborativas e processos

formativos. Orgs. Renata

Junqueira de Souza e Elieuzza

Aparecida de Lima

Mundo Mirim

A megera domada. William

Shakespeare. Adapt. Dionísio Jacob

Nova Alexandria

A cartomante: em cordel.

Machado de Assis. Adapt.

Antonio Barreto. Il. Valdério

Costa

O Guarda-Florestas e o Capitão

de Ladrões. Rouxinol do Rinaré.

Il. Eduardo Azevedo

História de Juvenal e o dragão.

Leandro Gomes de Barros. Il.

Eduardo Azevedo

Meus versos adolescentes. João

Gomes de Sá. Il. Valeriano

Sambo. W.F.Harvey. Trad.

Antonio Carlos Olivieri. Il.

Eduardo Azevedo

O voo de Pégaso e outros mitos

gregos. Marciano Vasques. Il.

Sérgio Magno

Novo Século

O carrossel encantado. Tatiana

Robles. Il. José Paschoal

Panda Books

A bailarina especial. Aline

Fávaro Tomaz. Il. Clara Gavilan

O coelho sem orelhas. Baseado

no filme de Til Schweiger. Klaus

Baumgart. Trad. Ilse Luder. Il.

Klaus Baumgart

Meu avô alemão. Martin Wille.

Il. Daniel Araujo

Por que eu existo? Oscar

Brenifier. Trad. Josca Ailine

Baroukh. Il. Delphine Durand

Por que eu não posso fazer o

que quero? Oscar Brenifier. Trad.

Josca Ailine Baroukh. Il. Delphine

Durand

Por que eu vou para a escola?

Oscar Brenifier. Trad. Josca Ailine

Baroukh. Il. Delphine Durand

Por que você me ama? Oscar

Brenifier. Trad. Josca Ailine

Baroukh. Il. Delphine Durand

Os três porquinhos. Adapt.

Alexandra Golix e Carla

Candiotto. Il. Anabella López

Paulinas

A alquimia do “adulterar”: a

literatura para juventude como

rito de passagem. Sérsi Bardari

Cantorias de jardim. Eloí

Elisabet Bocheco. Il. Elma

O caráter educativo do

movimento indígena brasileiro

1970-1990. Daniel Munduruku

Dicionário engraçado: reflexões de um adolescente. José de Castro. Il. Negreiros
Herança quilombola maranhense: história e estórias. Joseane Maia
Um, dois, bolinho de arroz. Mario Pirata. Il. Cláudio Martins

Paulus

Abecedário afro de poesia. Silvio Costta. Il. Fernando Tangi
Bullying: que brincadeira é essa? Denio Maués. Il. Fábio Sgroi
Cora, coração Coralina. Lúcia Fidalgo. Il. Fabiana Salomão
Em que você acredita? Dília Ludvichak
Jorge, o amado escritor. Lúcia Fidalgo. Il. Fabiana Salomão
As meninas, a vovó... e a saudade de quem foi pro céu. Ceci Baptista Mariani. Il. Mirella Spinelli
Só contado, que visto não se acredita: contos e lendas da Amazônia. Sebastião Amoedo. Il. Mauricio Negro
Tata e Ruguinha: as tartarugas marinhas. Carmen Lucia Campos. Il. Renata Borges
Violência tem fim? Luiz Ribeiro e Rita Kawamata

Peirópolis

Asas. Maya Hanoch. Trad. Regina Berlim. Il. Ofra Amit
Brincar com as palavras. José Jorge Letria. Il. Silvia Amstalden
Contos da floresta. Yaguarê Yamã. Il. Luana Geiger
Convite à navegação: uma conversa sobre literatura portuguesa. Susana Ventura. Il. Silvia Amstalden
Curupira o guardião da floresta. Marlene Crespo. Il. Marlene Crespo
Frankenstein: em quadrinhos. Mary Shelley. Adapt. Taisa Borges. Trad. Mário Martins de Carvalho
Labirintos: parques nacionais. Nurit Bensusan. Il. Guazzelli
A origem do beija-flor = Guanaby muru-gáwa. Yaguarê Yamã. Il. Taisa Borges
O pequeno livro. Marcelo Cipsis
Quanto dura um rinoceronte? Nurit Bensusan. Il. Taisa Borges

Viagem às terras de Portugal. José Santos. Il. Afonso Cruz

Projeto

Filho de peixe. Marcelo Carneiro da Cunha.
Tom. André Neves. Il. André Neves
Zoo. Jesús Gabán

Reflexão

Inter-rogações. Alessandro Rocha.
Made in Europe, lido no Brasil. Jorge de Souza Araújo
Uma tragédia no Amazonas. Raul Pompeia

Rocco

As batalhas do pequeno Nicolau. René Goscinny. Trad. Pedro Karp Vasquez. Il. Jean-Jacques Sempé
Contos de terror do navio negro. Chris Priestley. Trad. Hugo Machado. Il. David Roberts
Departamento 19. Will Hill. Trad. Ana Death Duarte
Divergente. Veronica Roth. Trad. Lucas Peterson
Os fantásticos livros voadores de Modesto Máximo. William Joyce. Trad. Elvira Vigna. Il. William Joyce e Joe Bluhm
Gata branca. Holly Black. Trad. Regiane Winarski
A herança de Thuban. Licia Troisi. Trad. Aline Leal
O homem da lua. William Joyce. Trad. Érico Assis
O mago. Michael Scott. Trad. Maria Beatriz Branquinho da Costa
Menina iluminada. Neil Gaiman. Trad. Leonardo Villa-Forte. Il. Charles Vess
Nicolau São Norte e a batalha contra o rei dos pesadelos. William Joyce e Laura Geringer. Trad. Érico Assis. Il. William Joyce
O princípio da tempestade. Damian Dibben. Trad. Regiane Winarski
Segredos do santuário de dragão. Brandon Mull. Trad. Alexandre D'Elia. Il. Brandon Dorman

Syrena. Angie Sage. Trad. Waldéa Barcellos. Il. Mark Zug

Saraiva

As aventuras de Mark Twain e Tom Sawyer. Eduardo Vetillo. Roteiro de Walter Vetillo
Borboletas na chuva. Neusa Sorrenti. Il. Lúcia Brandão

Scortecci

O Muiraquitã encantado. Anna Magagnin. Il. Anna Magagnin

Seguinte

Cósmico. Frank Cottrell Boyce. Trad. Antônio Xerxenesky
Quem poderia ser uma hora dessas? Lemony Snicket. Trad. André Czarnobai. Il. Seth

Thex

A última aventura de Papai Noel. Adalberto Baptista de Moura. Il. Raphael Botelho de Moura

Topbooks

Conversando com Lygia: www.cartasresenhasbilhetes.etc. Dilma Bittencourt

Velentina

Meu hamster é um gênio. Dave Lowe. Trad. Aline Leal. Il. Mark Chambers

WMF Martins Fontes

Cartas do Papai Noel. J.R.R. Tolkien. Trad. Ronald Eduard Kyrmse
Contos de princesas. Su Blackwell. Recontado por Wendy Jones. Trad. Monica Stabel
O Hobbit. J.R.R. Tolkien. Trad. Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta
Meu corpo da cabeça aos pés. Sophie Dauvois. Trad. Monica Stabel. Il. Okido Studio
Sr. Bliss. J.R.R. Tolkien. Trad. Monica Stabel. Il. J.R.R. Tolkien